



**INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA COORDENAÇÃO DO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS À DISTÂNCIA**

**ELAINE PERPÉTUA DIAS MARTINS**

**LITERATURA E CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA COM  
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA E.E.E.F. BATISTA  
LEITE**

**SOUSA**

**2017**

ELAINE PERPÉTUA DIAS MARTINS

**LITERATURA E CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA COM  
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA E.E.E.F. BATISTA  
LEITE**

Artigo apresentado como requisito parcial para  
a conclusão do Curso de Licenciatura em  
Letras a Distância.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ma. Risonelha de Sousa  
Lins.

SOUSA

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELAINE PERPÉTUA DIAS MARTINS

**LITERATURA E CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA  
COM ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA E.E.E.F.  
BATISTA LEITE**

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras à Distância.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Ma. Risonelha de Sousa Lins.

Aprovada em 09 de junho de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

*Risonelha de Sousa Lins*

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Risonelha de Sousa Lins

*Rosangela Vieira Freire*

Examinadora : Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosangela Vieira Freire

*Jocnilton Cesário da Costa*

Examinador Prof Msc Jocnilton Cesário da Costa

SOUSA

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado e me proporcionar uma jornada abençoada, com muitas descobertas e desafios que foram superados para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço à Escola Estadual de Ensino Fundamental Batista Leite onde realizei meu estágio e projetos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em especial ao professor Jocenilton Cesário da Costa, pela confiança em partilhar seus ensinamentos durante o período de estágio e dos projetos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) quanto supervisor do mesmo. Como também a orientadora, Risonélha de Sousa Lins, pelo cuidado de orientar-me durante o desenvolvimento do TCC, em que eu precisava de auxílio e acolhimento. Não poderia deixar de agradecer a professora Rosângela Vieira, pelo apoio que me foi dado no Polo de Sousa, e ao meu parceiro de publicações de artigos e aluno do curso de letras, Nilson Rutizat, pelo sincero auxílio e agradecer, em especial, ao meu esposo Marcelo Aparecido Martins pelo incentivo e a preocupação com a minha formação moral e intelectual, enfim a minha família pelo amparo e compreensão. A todos, muito obrigado!

SOUSA

2017

“Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico, é ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário” (Bellenger)

## RESUMO

As mídias áudio visuais, dentre elas o cinema, têm se tornado, no ambiente escolar, uma ferramenta inovadora do processo de ensino- aprendizagem, pois se constituem numa forma de comunicação extremamente expressiva no mundo contemporâneo. Além disso, elas invadem os espaços de relações e interferem no comportamento dos indivíduos, que interagem, informam-se e transformam seus conhecimentos. Partindo dessa informação, o presente trabalho intenta verificar as contribuições do cinema nas aulas de literatura, tendo como base as experiências do projeto “Quem sou eu lendo escrevendo com Clarice Lispector”, realizado na EEEF Batista Leite, localizada na cidade de Sousa-PB, de abril a junho de 2016, durante a realização das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).O trabalho parte, especificamente, da relação de leitura tanto da obra *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector quanto do filme homônimo. Trata-se de uma abordagem qualitativa e tem como aporte os teóricos que tratam tanto da leitura quanto do uso das tecnologias da informação como recurso de ensino, tais como Stam (2008), Moura (2007), Kleiman (2004), Lajolo ( 1982 ), Moura (2007 ), Tapia ( 1999 ), Araújo (2007), Candido (1995 ), Paulino ( 1998), Cosson ( 2011) ) dentre outros. Consideramos o estudo relevante, pois responde ao impasse de que a tecnologia afasta o estudante da leitura do texto escrito e de que impede o pensamento crítico. A experiência aqui retratada comprovou que as adaptações cinematográficas de obras literárias representam uma ferramenta muito importante para trabalhar a literatura em sala de aula, pois no decorrer do projeto os alunos participaram mais dos debates em relação à obra **A hora da Estrela**, de Clarice Lispector, comparando a diversidade de linguagem e relacionando a leitura a um mundo de prazer e conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; cinema; ensino.

## ABSTRACT

Audiovisual media, among them cinema, have become, in the school environment, an innovative tool of the teaching-learning process, since they constitute an extremely expressive form of communication in the contemporary world. In addition, they invade the spaces of relations and interfere in the behavior of individuals, who interact, inform themselves and transform their knowledge. Based on this information, the present work attempts to verify the contributions of cinema in literature classes, based on the experiences of the project "Who am I reading by writing with Clarice Lispector" performed in EEEF Batista Leite, located in the city of Sousa-PB, from April to June 2016, during the activities of the Institutional Scholarship Program (PIBID). The work is based, specifically, on the relation of reading both the work in "A hora da Estrela", in Clarice Lispector how much of the eponymous movie. It is a qualitative approach and is supported by theorists who deal with both reading and the use of information technology as a teaching resource, such as Stam (2008), Moura (2007), Kleiman (2004), Lajolo (1982), Moura (2007), Tapia (1999), Araújo (2007), Candido (1995), Paulino (1998), Cosson (2011) among others. We consider the study relevant because it responds to the impasse that technology distracts the student from reading the written text and that impedes critical thinking.

**KEYWORDS:** Literature; movie theater; teaching.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	O encontro de Olímpio de Jesus com Macabéa.....	19
FIGURA 2:	Macabéa no encerramento do filme.....	20
FIGURA 3:	Cenas da apresentação do filme.....	21
FIGURA 4:	Cenas das atividades do projeto “Quem sou eu? ...Lendo e escrevendo com Clarice Lispector” .....	22



## SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	10
2. O ENSINO DA LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES .....	12
2.1 A conexão entre o cinema e a literatura.....	13
2.2 O Cinema em sala de aula.....	14
3. METODOLOGIA .....	15
4. EXPERIÊNCIA DE LEITURA DA OBRA CLARICEANA: ENTRE O TEXTO E O FILME.....	16
4.1 A experiência de linguagem entre o filme e o texto escrito.....	17
4.2 O retorno à obra literária.....	20
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	23
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
REFERÊNCIAS .....	24

## **LITERATURA E CINEMA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA COM ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BATISTA LEITE**

### **1. Introdução**

O ensino de Língua Portuguesa, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2002), fundamenta-se na perspectiva do desenvolvimento e da reflexão a respeito dos gêneros discursivos correntes na sociedade. Em relação aos conteúdos de literatura, uma das tendências é o ensino interdisciplinar, abrindo-se espaço para que produções literárias sejam vistas de forma mais próxima do aluno e com a possibilidade de diálogos com vários outros campos do conhecimento.

No contexto da cultura contemporânea, as tecnologias audiovisuais transformaram-se numa forma de comunicação extremamente expressiva que invade os espaços de relações e interferem no comportamento dos indivíduos. Estes por sua vez, interagem, informam-se e transformam seus conhecimentos por meio dela. Dentre essas configurações comunicativas, insere-se o cinema, expressão visual da cultura, caracterizada pela projeção de sons e imagens, organizados em prol de um contexto de informações a serem veiculadas pelo filme.

Ainda visto, porém, como instrumento apenas de lazer, esse recurso é pouco ou mal utilizado pelas escolas que o consideram útil para suprir a falta do professor ou para “enrolar” aula, o que tanto desprestigia o seu uso quanto descarta, lamentavelmente, a responsabilidade docente. Analisando essa prática lastimosa, José Manuel Morán (1995) salienta que, embora o vídeo consiga unir a prática pedagógica de sala de aula ao cotidiano, às linguagens e modos de comunicação da sociedade urbana, não elimina a responsabilidade do professor e sua ação mediadora da aprendizagem, no sentido de ser ele o responsável pela ação de desvendar as relações culturais, sociais e espaciais em seus contextos de informações/imagens. Para tanto, cabe ao docente planejar ações que impulsionem os alunos a ir além de uma análise do enredo e da linguagem, conseguindo posicionamentos críticos a partir da percepção de detalhes proporcionados pelas diversas linguagens presentes nas cenas. Isto nos leva a crer que muitos dos insucessos do uso tecnológico como recurso de ensino estão relacionados ao despreparo do professor para lidar com tais ferramentas.

Considerando, ainda, a relação do professor com esses recursos de mídia, podemos refletir com as palavras de Suely Amorim de Araújo (2007, p. 2) “o uso das tecnologias da informação na prática docente constitui-se num desafio à escola atual, uma vez que o ensino tradicional, sozinho, não consegue mais suprir as necessidades contextuais da sociedade do século XX”. Para ela, o uso dessa ferramenta constitui-se numa ação indispensável a “uma formação integral e adequada às características culturais do cidadão das sociedades modernas [...] representa um instrumento de mudança social, pelas vias das técnicas e da ciência”. Inegavelmente, portanto, estamos diante de uma sociedade tecnológica, onde as informações são repassadas através de segundos de uma pessoa para outra e este universo digital, certamente, atinge o ambiente escolar. Os alunos estão cada vez mais habituados às emoções nas telas dos *smartphones*, computadores, *tabletes* e gastam boa parte do seu tempo diariamente com vídeos, fotos, entre outras programações exibidos no meio digital, o que exige da escola uma readequação das formas de ensinar e aprender.

Stam (2008) e Moura (2007) corroboram essa visão, dizendo que o alastramento dessas mídias virtuais no ambiente escolar forçam os profissionais da educação a repensarem as aulas de literatura, favorecendo novas e criativas abordagens das obras e estilos literários a fim de contribuir para a ampliação dos saberes dos seus aprendizes. cremos, por conseguinte, que apesar de exibir um contexto diferenciado em relação ao livro, o filme, quando bem utilizado, pode fomentar o aluno a empreender a leitura da obra escrita.

Leitura que será eficaz somente se o aluno for capaz de interagir com o texto, o que exige uma atuação competente, logo, o cinema, por sua linguagem mais simples é um bom caminho. Caminho que pode ser direcionado para a leitura do textoliterário, gerando não só outras percepções, mas também o amadurecimento das investigações ledoras. Cosson (2011) afirma que se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda a força humanizadora da Literatura não basta apenas ensinar a ler. Sendo assim, o educador deve proporcionar um ambiente favorável para o aprendizado, onde o aluno possa ampliar seus conhecimentos de mundo e enriquecer seus conhecimentos culturais.

A partir das concepções teóricas aqui expostas e considerando as atividades realizadas no projeto “Quem sou eu... Lendo e escrevendo com Clarice Lispector”, realizado com 33 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da EEEF Batista Leite, localizada na cidade de Sousa-PB, de abril a junho de 2016, durante as atividades do

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), este trabalho tem como propósito apresentar uma experiência de leitura da obra de Clarice Lispector, tendo a linguagem fílmica como instrumento de comparação de leitura.

Como percurso metodológico deste trabalho, faremos uma abordagem teórica sobre cinema e literatura; em seguida, descreveremos a metodologia adotada e abordaremos a experiência de leitura aqui mencionada.

Tendo em vista, por conseguinte, a relação entre Literatura e Cinema ainda é uma experiência pouco ou mal utilizada nas escolas, este trabalho objetiva contribuir, de modo inovador, com o uso dos recursos midiáticos, especificamente o cinema, como recursos de ensino, refletindo sobre essa ferramenta no processo metodológico dos educadores do Ensino Médio.

## **2. O ensino da literatura e a formação de leitores**

A Literatura, como representação da vida cotidiana, é uma área de conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humanos, não somente pelo entretenimento que proporciona, mas também por possibilitar aos leitores refletir sobre o comportamento social e a condição do homem. Deste modo, as situações vivenciadas através do universo ficcional, podem ser contadas de diversas formas, ora valendo-se apenas do realismo, ora do mundo maravilhoso e do fantástico, mas em todas o leitor é convidado a imaginar o mundo retratado, a pensar nas cenas e fatos apresentados pelo texto lido. E só depois de mergulhar nos significados do texto, será capaz de se posicionar criticamente.

Candido (1995) afirma que a Literatura desenvolve em nós a sensibilidade, tornando-nos mais compreensivos, reflexivos, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades diante da nossa condição humana. Esse olhar sensível do artista configurado no produto estético, além de seu poder catártico, permite-nos refletir sobre o mundo a nossa volta, abrindo nossos horizontes, ampliando os conhecimentos, porém essas propriedades estão relacionadas à capacidade do leitor em interagir com os conteúdos da escrita o que pressupõe uma familiaridade com a linguagem. É pertinente relatar que as metodologias aplicadas ao ensino da literatura nem sempre enfatizam esse encontro por isso não levam aos resultados almejados.

Bordini e Aguiar (1988) observam que os professores querem incentivar posturas críticas da realidade social nos alunos, mas se valem das atividades repetitivas com a carga altíssima de obrigatoriedade, propondo leituras superficiais dos textos solicitados, registradas no preenchimento de fichas, na redação de resumos e resolução de exercícios. Esquecem-se de que a formação de um leitor literário significa o desenvolvimento no aluno de habilidades e competências que o levem a compreender construções mais elaboradas e buscar significações subjacentes no texto. Esse leitor precisa usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto e reconhecendo as marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade e interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem (PAULINO, 1998).

Tais estratégias surgem como resultado de uma sedução inicial pela obra literária, através de cuja leitura o aluno pode tornar-se reflexivo e atuante. O cinema, então, surge como uma ferramenta didático-pedagógica que atrai o aluno e o motiva à discussão e à leitura do livro. Assim, o conhecimento prévio das obras pelo cinema unido à leitura mais profunda dos textos literários ativa o pensamento do indivíduo, levando ao que Bakhtin (2003) chama de compreensão responsivo-ativa. Para ele, os discursos escritos impulsionam o leitor à descoberta de diferentes situações do seu cotidiano, ativando conhecimentos prévios e tornando oportuna a interação do aluno. Nesta perspectiva, cremos que o ícone midiático pela ativação imediata do pensar, em diálogo com a Literatura é uma forma de aproximar os alunos do texto escrito, que exige um pouco mais de habilidade leitora.

## **2.1 A conexão entre o cinema e a literatura**

Muitas obras literárias foram reproduzidas para o cinema e levadas para sala de aula como recurso no processo de ensino e aprendizagem, porém algumas dessas adaptações estão carregadas de mudanças significativas em relação à obra original, motivo para se convocar a leitura da obra. Segundo Moura (2007), é importante que tenhamos a clara noção de que adaptação cinematográfica de obras literárias não as traduzem integralmente, pois correspondem a expressões artísticas diferentes e nenhuma obra de arte surge a serviço de outra. Portanto, visões preconceituosas sobre as motivações que levam a esse processo de adaptação devem ser abandonadas.

A ideia de “fidelidade”, por si só, já é descabida e incoerente, diz Robert Stam (2008, p. 21) pois elas “[sugerem] a possibilidades de diferentes leituras de um texto da mesma forma que um romance pode motivar diversas adaptações. Sendo assim o dialogismo intertextual auxilia-nos a transcender a leitura tradicional. Assim, é pertinente ressaltarmos que as obras adaptadas para o cinema enfatizam a riqueza do texto literário, que permite múltiplas interpretações, e indicam uma outra forma de abordagem do conteúdo original da obra.

Mas é preciso cautela, antes de levar uma adaptação fílmica para a sala de aula, o educador precisa assistir a ela, verificando a sua coerência e sua aproximação aos textos originais, para não confundir e iludir os alunos, perdendo o foco do seu objeto de ensino que é a obra literária. Neste sentido, Suely Amorim de Araújo (2007) destaca que o uso dos recursos audiovisuais faz-se necessário no contexto escolar de hoje, mas reforça que essa prática deve ser bem planejada para que tenha, realmente, função pedagógica.

Os filmes, quando utilizados de modo adequado, contribuem tanto quanto a leitura do texto literário para uma formação cultural educativa dos alunos, posto que, através dele é possível analisar conhecimento de mundo, a memória cultural, desenvolver o raciocínio, a imaginação e favorecer o prazer estético. São, pois, duas formas de linguagem que se entrelaçam, podendo interagir sem prejuízo de aprendizagem.

## **2.2 - Cinema em sala de aula**

A sala de aula é um ambiente de interação, trocas de saberes e, neste, o professor deve tem função relevante na promoção de novas descobertas e desafios. Isto só é possível se ele souber estimular e motivar os alunos no processo de ensino- aprendizagem. Neste percurso, observa-se que o filme atua como facilitador do conhecimento, uma vez que apresenta linguagens, cenas e imagens acessíveis ao aluno. Conforme Morán (1995), o recurso audiovisual se apresenta como uma forma de estimular os alunos a questionar assuntos do cotidiano escolar, permitindo a apropriação da linguagem como veiculadora de desejos, valores, cultura, crenças e conhecimentos. O autor ressalta, ainda, que é justamente o dinamismo e o caráter lúdico do cinema que ajudam a atrair os alunos e instigá-los ao debate.

De acordo com os estudos de Tapia (1999 p. 77), “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para alcançar um objetivo”. Sendo assim, a linguagem fílmica funciona como uma ponte de acesso aos sentidos humanos, a fim de despertar o desejo de conhecer o personagem, os lugares, os modos de dizer presentes na obra de arte ou recapturá-lo em sua mente.

Além disso, a prática de acompanhar as sagas das telas já faz parte do cotidiano do aluno, o diferencial é utilizarmos em prol do ensino de literatura. Araújo (2007) reforça que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.” Para a autora, o cinema é uma importante ferramenta para ampliar os conhecimentos culturais, explorar os sentimentos, emoções e percepções além de ser um instrumento motivador para sala de aula. Ela garante que “a utilização do cinema na escola pode ser inserida, em linhas gerais, num grande campo de atuação pedagógica”. É importante enfatizar, por conseguinte, que a aprendizagem ocorre por meio de um processo cognitivo repleto de atividades e a utilização do cinema em sala de aula insere-se adequadamente neste espaço.

### **3. Metodologia**

Por ser uma pesquisa qualitativa, esse trabalho privilegiou o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). Após uma análise bibliográfica sobre o uso dos recursos audiovisuais no ensino de literatura, decidimos observar a reação à leitura de vídeos apresentada pelos 33 alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Batista Leite e sua disposição de retorno aos textos a eles relacionados “Felicidade clandestina”, “Restos de carnaval”, “Amor”, “Laços de família”, “A bela e a fera ou A ferida grande demais”, de Clarice Lispector. Partindo dessa experiência, decidimos empreender uma leitura mais profunda elegendo a obra “A hora da Estrela” da mesma escritora, o filme e o vídeo; motivações e aspirações do grupo..

O projeto utilizou estratégias de leitura envolvendo os recursos audiovisuais como leitura dos textos de Clarice Lispector. O filme foi exibido, debatido em rodas de leitura. Depois o aluno foi desafiado a ler a obra e descobrir as diferenças e semelhanças

entre as duas formas de expressão, relacionando a linguagem, os fatos e as posturas dos personagens num trabalho ativo como leitor e construtor de sentidos.

No final da experiência, cada aluno pode identificar as intenções dos autores, o público a que se dirigiam, as críticas sociais empreendidas e os pontos de interseção entre as obras de arte. Ao mesmo tempo, verificou-se a variabilidade dos modos de dizer, conforme as intenções do autor, os receptores a serem atingidos e os gêneros textuais. Esse processo também comprovou o papel do mestre na ação educativa, como nos confirma Cosson (2011) que, se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda a força humanizadora da Literatura não basta apenas ensinar a ler, é necessário adotar uma metodologia que possibilite ao aluno ampliar seus conhecimentos culturais e de mundo.

É pertinente ressaltar que essa pesquisa realizou-se a partir das experiências docentes executadas no PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, cujo pressuposto consiste em aperfeiçoar a formação de professores, promovendo tanto a realidade da profissão quanto experimentos acadêmicos de ensino-aprendizagem. O programa oferta uma bolsa para o aluno de licenciatura que participa dos projetos por meio dos quais os alunos validam seus conhecimentos a respeito dos processos educacionais. Fazem parte desta equipe, além dos bolsistas, os coordenadores de área – docentes das licenciaturas - e supervisores - docentes das escolas públicas onde exercem suas atividades que orientam as etapas das práticas docentes..

#### **4. Experiência de leitura com a obra clariceana: entre o texto e o filme**

Para entender os perfis femininos da obra de Clarice Lispector, intitulamos o projeto de leitura “Quem sou eu... lendo e escrevendo com Clarice Lispector”. No desenvolvimento das atividades em sala de aula, iniciamos com uma dinâmica de autoconhecimento, por meio do qual os alunos foram convidados a responder à pergunta “Quem é você?”, depois convidamos os alunos a responderem a um teste de autoconhecimento contendo 10 questões. Em seguida, foi feita uma produção escrita sobre as reações e emoções sentidas pelos alunos durante a atividade.

Essa atividade foi feita com o objetivo de levá-los a refletir sobre questões íntimas e, também, para instigá-los a produzir argumentos para defender seu ponto de vista sobre si mesmos. Além disso, a dinâmica serviu para aproximar o aluno da obra de



Clarice Lispector, através do acionamento de conhecimentos prévios e do autoquestionamento.

Na segunda oficina, apresentamos aos alunos o gênero conto e, em seguida, a exibição de um vídeo que trazia o conto fantástico “A bela e a fera” (animação), motivando-os a ler o texto “A bela e a fera ou A ferida grande demais”, de Clarice Lispector. Levando-os a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os textos Clarice Lispector e o vídeo, questionamos sobre certas informações que só estavam presentes no texto original, levando-os a buscar essas respostas nos contos. Observamos que, apesar de terem usufruído de muitas informações sobre o texto, a necessidade de outros detalhes aguçavam a curiosidade, aproximando-o da leitura do texto literário.

Partindo dessa experiência, desafiamos os alunos a empreender a leitura do livro “A hora da Estrela” e do filme homônimo, tentando perceber as semelhanças e diferenças existentes entre eles bem como apontar detalhes da obra que não foram registrados no filme.

#### **4.1 A experiência de linguagem entre o filme e o texto escrito**

A obra **A hora da estrela**, de Clarice Lispector, publicada pouco antes de sua morte, em 1977, aborda a história de uma jovem nordestina chamada Macabéa, alagoana, órfã, virgem e solitária. Levada pela tia, que a criara, ao Rio de Janeiro, consegue trabalho como datilógrafa e conhece Olímpio de Jesus com quem começa um relacionamento afetivo.

Durante o relacionamento, Olímpio trai Macabéa com Glória, sua amiga de trabalho, que recebera recomendações de uma cartomante para namorá-lo. Macabéa, muito entristecida, pede conselhos a Glória e está a encaminhá-la a mesma cartomante. No decorrer da consulta à cartomante, Macabéa é iludida com um futuro muito bom, porém quando sai da casa da cartomante é atropelada por uma Mercedes e morre.

A história é narrada por Rodrigo S.M, o que faz dele um narrador personagem, pois se torna conhecido pela forma como aborda a trajetória da protagonista: "Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar pra mim na terra dos homens" (CLARICE, 1998, p.29). Ele registra o sentimento paradoxal que o envolve afirmando amar e odiar Macabéa, já que ela é facilmente enganada e desliza no próprio sonho de ser uma estrela de cinema, fato ironicamente realizado na sua morte por ser foco das notícias.

A leitura do romance foi dividida em partes, acompanhada com atividades, discussões e diário de leitura. Cosson (2011) assegura que o professor precisa desenvolver a leitura em consonância com atividades que permitam o diálogo entre aluno e texto, aproveitando aquilo que já conhece para compreender aquilo que desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.

O debate começou após a leitura do primeiro capítulo, quando se observou que alunos apresentavam dúvidas em relação ao enredo da história, não conseguindo diferir a história de Rodrigo S.M da história de Macabéa. Nessa ocasião, escalaremos que Rodrigo S.M, apesar de personagem, era o narrador, ou seja, era ele quem contava a história.

Durante o acompanhamento da leitura do romance, percebemos que os alunos apresentavam algumas dificuldades em relação à compreensão da linguagem utilizada. Explicamos as características da obra de Clarice Lispector, que traz muito o psicológico das personagens. Assim, em alguns momentos a narrativa se aprofunda, abrindo-se aos dilemas, frustrações e sonhos dos personagens.

Após a leitura do texto escrito, foi apresentada essa história através do filme brasileiro “A hora da Estrela”, com a direção de Suzana Amaral, de 1985, com duração de 91 minutos, categoria: Dama. Notamos que o filme se aproxima do texto original, havendo poucas alterações. O aluno foi levado a questionar o filme, relacionando-o com a obra escrita. Foram analisados os diferentes recursos de expressão: enquanto o filme utiliza uma espécie de fotografia da personagem ( representada pela atriz) e a paisagem dos lugares e os sons do mundo real, o livro se vale de simbolismo, descrições, imagens construídas por palavras para traduzir o mundo representado o que exige do leitor atenção, raciocínio, imaginação e sensibilidade para entendê-lo.

Antes de assistir ao filme, os alunos foram incentivados a observar a caracterização e os conflitos de Macabéa, os cenários e as relações entre personagens, a postura do narrador, fazendo considerações sobre o título da obra e sobre como Macabéa é descrita nos dois universos narrativos.

Dirigindo o olhar crítico dos alunos a uma percepção de mundo, observamos que as características da personagem Macabéa, citadas no livro, aparecem registradas no filme pelos aspectos visuais e sua condição de sujeito interiorano, deslocado na cidade grande pelo cenário em que se insere e pelos diálogos da personagem. As emoções eram reforçadas pelo som, enquadramento da câmera e a trilha sonora.

Os discentes enfatizaram também que as condições de vida da protagonista destoavam das dos outros personagens. Quanto ao narrador, observaram-se que as formas de contar eram diferentes nas duas produções, pois no livro, o narrador descreve as situações e conta a história, já no filme esse trabalho torna-se exclusivo do telespectador que acompanha as cenas.

*Figura I - O encontro de Olímpio de Jesus com Macabéa*



Fonte: Cena do filme *A hora da estrela* (1986), de Suzana Amaral.

Os discentes perceberam que a linguagem fílmica exige menos esforço que o texto escrito, uma vez que a sua interpretação reclama uma percepção dos fatos e dos detalhes que o compõem, enquanto o texto escrito requisita um trabalho ativo e eficiente do leitor. Mas como eles já haviam lido o livro, a compreensão do enredo do filme ocorreu com mais facilidade.

Eles questionaram a não aparição de Rodrigo S.M no filme e nesse momento, discutimos com eles sobre a adaptação e a fidelidade com a obra original, que pode não ocorrer, pois se trata de uma leitura diferente, como nos mostra Moura (2007), quando diz que, ao falarmos em adaptação cinematográfica de obras literárias, é importante termos a clara noção de que não há nenhuma obra de arte que surge a serviço de outra. Portanto, visões preconceituosas sobre as motivações que levam a esse processo de adaptação devem ser abandonadas. A ideia de “fidelidade”, por si só, diz ele, já é descabida e incoerente.

A cena final do filme **A hora da Estrela**, em que Macabéa sai da casa da cartomante e é atropelada e morta por um carro muito luxuoso Mercedes-Bem foi

discutida pelos alunos, tentando se chegar a relação entre este fato e o título da narrativa.

*Figura 2 – Macabéa no encerramento do filme*



Fonte: Cena do filme *A hora da estrela* (1986), de Suzana Amaral.

#### **4.2-O retorno à obra literária**

As oficinas audiovisuais foram estrategicamente planejadas com o objetivo de retomar e incentivar e discutir a leitura do texto literário. Os recursos audiovisuais que antecederam a leitura dos contos ajudaram a trazer os conhecimentos prévios à leitura das narrativas e a leitura do livro **A hora da Estrela**, de Clarice Lispector e sua adaptação fílmica promoveram uma interação entre as linguagens e a percepção de posturas adequadas ao tipo de leitura empreendida.

Desta forma, ao assistirem ao filme com uma missão crítica, os educandos foram além de uma simples decodificação da mensagem, apropriando-se de informações prévias e do conhecimento de mundo para realizar também a leitura do filme processo orientado de leitura. Como revelou Tapia (1999 p. 77), “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para alcançar um objetivo”.

Pelo comportamento dos alunos e pela compreensão dos fatos apresentados em ambas as leituras, infere-se que o filme funcionou como instrumento de aproximação entre os alunos e a obra literária. Foi perceptível, portanto, a interação entre as duas leituras, já que os alunos estabeleceram relação entre o livro e o filme, fazendo comentários e retomando trechos do livro.

*Figura 3- Cenas da apresentação do filme*



Fonte: Dados da pesquisa

A relação entre o conteúdo do texto escrito e a linguagem cinematográfica foi percebida pelos alunos que direcionaram o seu olhar para os elementos circunstanciais do filme. Ao mesmo tempo, foi apresentado o ato de interpretar como a necessidade de “eleger na messe de possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no encaixo da questão crucial: o que o texto quer dizer?” (BOSI, 1988, p.275).

Salientamos que a estratégia metodológica utilizada foi fundamental para que obtivéssemos sucesso na execução do projeto e o uso do cinema durante as atividades fundamental para tornar as interações de leitura mais dinâmicas e mais proveitosas à ao universo de experiências dos alunos.

Para Masetto, (1997), quando a sala de aula se constitui ao aluno num espaço vivencial, onde é possível discutir problemáticas do dia a dia e retirar dados significativos para a sua vida, torna-se um lugar de interesse para ele e para os sujeitos com os quais convive. Dentro desta perspectiva, consideramos que o uso do cinema contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento dos alunos no sentido de

encaminhá-los tanto à discussão dos problemas abordados na obra, quanto à maneira diversificada de expressar o mundo.

O filme **A hora da Estrela** proporcionou diversas reflexões aos discentes pela análise da postura dos personagens e das variações econômicas e sociais. Esta experiência de leitura promoveu aproximação dos alunos aos textos literários e a interação com seus significados, além de permitir o prazer da leitura, enfaticamente nos lembrando que:

Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As 165 pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, 1979, apud KLEIMAN, 2004, p.15).

Figura 4 - Cenas das atividades do projeto “Quem sou eu? ...Lendo e escrevendo com Clarice Lispector”.



Fonte: Dados da pesquisa.

Esta experiência de leitura aponta-nos a sala de aula como um espaço de experiências planejadas que podem levar a novas descobertas para o uso do texto literário em sala de aula. A prática pedagógica é um aprendizado constante e não há

receitas milagrosas para a atuação docente. Então, o importante é que a leitura empreendida leve a descoberta de mundo e possa tornar-se significativa na vida do aluno aprendiz. Para confirmar esta afirmativa, nada melhor do que repetir as palavras de Marisa Lajolo: “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas.” (LAJOLO, 1982, p.15). Ou seja, é necessário que o uso do texto literário seja útil para vida do leitor de forma que possa estabelecer a relação entre o texto e suas vivências e, conseqüentemente ampliar os conhecimentos.

## **5-Resultados e discussões**

Constatou-se que a leitura do texto literário, efetuada juntamente com a do texto audiovisual propiciou maior participação dos discentes na aula de literatura, motivando reflexões sobre as desigualdades sociais e culturais, adequação dos nordestinos aos espaços de migração, as percepções das epifanias que marcam os textos clariceanos e as subjetividades dos indivíduos fragmentados.

O cinema foi-nos útil enquanto ferramenta didático-pedagógica de dinamização e comparação das linguagens utilizadas nas diversas formas de comunicação, pois ao exibirmos o filme **A hora da estrela**, verificamos que os alunos sentiram-se mais à vontade para falar, tornando o processo menos exaustivo tanto para o aluno quanto para o professor. Logo essa experiência permite-nos confirmar que o uso de filmes ajuda o professor a fugir da metodologia tradicional das aulas de literatura e consente ao aluno investigar as diversas linguagens utilizadas para comunicar os mesmos fatos, enquanto motiva-se a ter uma postura mais crítica diante dele.

Como ressalta Lima (2015), o uso do recurso cinematográfico em nossa prática docente pode representar uma descoberta prazerosa do conhecimento da literatura, já que auxilia o contato com a diversidade de linguagens utilizadas para abordar um tema. Cabe ao professor planejar e descobrir a melhor forma de utilizá-lo em prol da compreensão e discussão dos assuntos estudados.

Destarte apontamos a utilização dos recursos audiovisuais como facilitador de aprendizagem nas aulas de literatura, oportunizando metodologias alternativas para alcançar os alunos dentro das particularidades vivenciais.

## **6-Considerações finais**

Neste estudo sobre literatura e cinema vimos que o cinema é uma valiosa ferramenta para o ensino da literatura em sala de aula, aproximando os discentes das obras literárias. Através da leitura do texto literário o aluno pode refletir sobre o mundo e

analisar criticamente as relações humanas e, pela análise do filme, verificar outra forma de expressão e abandonar a tradicional postura passiva diante das telas.

Vimos que a escolha de um filme a ser exibido numa aula de literatura não deve ser aleatória, pois ele deve fomentar o retorno ao texto, promovendo uma dúplici leitura. Neste processo, o docente funciona como um mediador, estabelecendo a conexão entre o cinema e a literatura e orientando o aluno a busca de significações.

Constatou-se, ainda, que o cinema é um instrumento importante para ampliar os conhecimentos culturais e explorar as percepções críticas dos alunos, contribuindo para aumentar seu conhecimento de mundo. Em suma, este trabalho buscou analisar o recurso do cinema como ferramenta inovadora e criativa para o desenvolvimento da leitura do texto literário.

Neste universo de transformações tecnológicas, salienta-se a necessidade de o professor saber lidar com tais ferramentas, usando-as a favor do processo educativo e contribuindo com a descoberta do prazer que precisa ser descoberto nos textos literários.

Assim, esta pesquisa mostrou-se relevante no sentido de evidenciar o uso das tecnologias no ambiente escolar como uma necessidade no contexto de inovações em que estão inseridos os sujeitos da escola, revelando que a combinação da Literatura e Cinema é um processo simples, mas que deve ser utilizado com responsabilidade pelos professores, a fim de que o seu uso possa facilitar a aproximação entre o texto literário e os alunos.

## REFERÊNCIAS

**A hora da estrela.** Direção: Suzana Amaral. Kino International, 1985. 1 DVD (1h 36min).

ARAÚJO, Suely Amorim de. **Possibilidades Pedagógicas do cinema em sala de aula.** Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br>, data: Dez/2007, N° 79. Acesso em 04/02/2017.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORDINI, M.G.; AGUIAR, V. T. de. **A formação do leitor:** alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1988.

BOSI, Alfredo. **Céu e Inferno.** São Paulo, Ática, 1988.

BRASIL, Secretaria da educação, 2002. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, MEC.



CANDIDO, Antônio. **Vários escritos** – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria** – análise – didática. São Paulo: Ática, 1997.

COSSON, Rildo, **Letramento literário: teoria e prática**. 2ed-São Paulo: Contexto, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9.ed. Campinas: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LIMA, D. R. **Cinema e História: O filme como recurso didático no ensino/aprendizagem da História**. *Historiador*, v. 7, n. 7, 2015. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/sete/7daniel.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 23. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASSETTO, Marcos T.. **Didática: A aula como centro**. São Paulo: FTD, 1997.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Alexsandro Ribeiro. **Lavoura Arcaica**: tradução intersemiótica. Dissertação (Mestrado). 2007. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás.

PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (organizadoras) **Leituras literárias: Discursos Transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autentica 2008.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas: Papyrus, 2009.

\_\_\_\_\_. **A literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

TAPIA, Jesús Alonso. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.